

## O Conselho das Américas e as eleições de 2018 no Brasil

Rejane Carolina Hoeveler<sup>1</sup>

### Resumo

O Conselho das Américas (AS-COA) foi fundado em 1965 reunindo as 200 corporações estadunidenses com maior atuação na América Latina. Atuando como Aparelho privado de Hegemonia, reúne e organiza frações do capital que opera em escala hemisférica, desenvolvendo uma ação política de classe. Nessa comunicação, pretendemos apresentar a relação dessa entidade privada com a complexa e preocupante conjuntura eleitoral de 2018 no Brasil. O Conselho promoveu ou incentivou iniciativas diretamente voltadas para as eleições, como o RENOVABR; e também nos permite, através da análise de diversos debates organizados com grandes empresários e intelectuais orgânicos das classes dominantes no Brasil, vislumbrar como esse grupo, ideologicamente liberal tanto na economia como nos costumes, reflexionou e atuou perante a ascensão de Jair Bolsonaro.

### Abstract

The Council of the Americas (AS-COA) was founded in 1965 bringing together the 200 largest US corporations in Latin America. Acting as a Private Hegemony Apparatus, it gathers and organizes fractions of capital that operates on a hemispheric scale, developing a classist political action. In this communication, we intend to present the relationship of this private entity with the complex and worrying electoral situation of 2018 in Brazil. The Council promoted or encouraged initiatives directly related to the elections, such as RENOVABR; and also allows us, through the analysis of various organized debates with great businessmen and organic intellectuals of the dominant classes in Brazil, to glimpse how this group, ideologically liberal in both economics and customs, reflected and acted on the rise of Jair Bolsonaro.

“Estendo a mão aos senhores. Entendam a minha inexperiência em algumas áreas, mas o mais importante é a vontade de acertar”, afirmou o então presidenciável brasileiro Jair Bolsonaro (PSL/RJ) em uma reunião com o Conselho das Américas em

---

<sup>1</sup> Mestre e doutoranda em História no PPGH/UFF, bolsista CNPq.

Nova York, no dia 12 de outubro de 2017, conforme apurou a *Folha de S. Paulo*.<sup>2</sup> “De vez em quando me perco nas palavras, sim, me perco, me perco, peço desculpas. Mas o nosso objetivo exatamente é o bem de todos”. Esse teria sido o tom de sua “auto-crítica”, conforme a reportagem.

No dia anterior, o presidenciável brasileiro havia participado de outro evento a portas fechadas na sede da Câmara de Comércio Brasil-Estados Unidos (Brazil-US Chamber of Commerce), onde, bem como na reunião com o Conselho das Américas (ambos encontros tiveram áudios com trechos das palestras vazados à imprensa), reiterou seu apreço e “paixão” pelos Estados Unidos, de quem, entre outros, deveria ser importado o modelo trabalhista, “que não prevê direitos como férias e licença-maternidade”. Porém, para fazer isso no Brasil, disse Bolsonaro, seria necessário mudar a Constituição – daí a defesa que o candidato fazia, à época, de uma nova Constituinte e uma reformulação completa da legislação trabalhista.

“O custo-Brasil é altíssimo, a burocracia é enorme, o número de horas para abrir uma empresa no Brasil, acho que é...estamos em primeiro lugar no mundo!”, afirmou, entre “lugares-comuns a favor da livre-iniciativa”, nas palavras usadas na reportagem da *Folha*. “Temos que ressuscitar o Hélio Beltrão [Ministro do Planejamento da ditadura militar de 1964], né, mas revigorado, para desburocratizar o Brasil”, teria dito Bolsonaro em um dos eventos.

Tentando transparecer humildade e boa-vontade junto aos empresários americanos, mas também utilizando certo tom de chantagem, Bolsonaro teria dito: “Tem muita gente mais preparada que eu, mas no Brasil hoje o pessoal ‘tá’ alvejado. Praticamente não tem candidato que se apresenta aí que não tenha problemas na Lava-Jato ou já tiveram no mensalão”. Porém, saindo da defensiva, acenou para avaliações que podem ter preocupado alguns dos presentes. Por exemplo, sobre a relação em um futuro governo seu com o Judiciário e o Congresso, afirmou que o primeiro é “aparelhado” e que o segundo era um “gargalo” para o Executivo. Porém, garantiu que teria maioria na Câmara, pois contaria com “um sentimento muito grande que pode unir o Parlamento brasileiro”, principalmente as bancadas da segurança, evangélica e do

---

<sup>2</sup> BILENKY, Thais. “A investidores Bolsonaro diz que é inexperiente mas não está alvejado”. *Folha de S. Paulo*, 13 de outubro de 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/10/1926652-a-investidores-bolsonaro-diz-que-e-inexperiente-mas-nao-esta-alvejado.shtml>. Acesso em 14 de janeiro de 2019.

agronegócio (conhecidas como da bala, da bíblia e do boi), como sustentação para um eventual governo seu.

Sobre o encontro no Conselho das Américas, o jornalista Brian Winter, diretor de política do Conselho das Américas e editor da revista *Americas Quarterly* (publicação quadrimestral do Conselho das Américas), afirmou, em um artigo intitulado “Falha no sistema: por trás da ascensão de Jair Bolsonaro”:

“Em uma reunião de outubro no Conselho das Américas, uma das organizações que publica a *AQ*, em Nova York, Jair Bolsonaro delineou uma visão básica para um Estado com menos tentáculos, com privatizações e impostos mais baixos. (O evento não foi aberto ao público, mas uma gravação de áudio foi vazada para a imprensa brasileira.) A agenda contrastava com as declarações passadas de Bolsonaro — afinal de contas, ele uma vez sugeriu que um presidente fosse fuzilado por promover privatizações — mas o candidato afirmou que sua visão evoluiu. “Não sou economista”, disse mais de uma vez, prometendo nomear uma forte equipe de conselheiros.”<sup>3</sup>

No mesmo artigo, Brian Winter alertava que a eleição de Bolsonaro era um perigo à democracia no Brasil, e ela era bem provável, tendo em vista muitos fatores; entre eles, uma pesquisa do *Pew Research Center*<sup>4</sup>, segundo a qual o Brasil teria um nível de satisfação com a democracia mais baixo de toda América Latina. Além disso, teria a seu favor o evidente apelo popular para uma política mais repressiva com relação ao crime (uma das maiores preocupações dos eleitores, mesmo no Nordeste, forte base eleitoral de Lula). Sobre a relação com o empresariado, Winter notou que, ainda no fim do ano anterior,

“alguns líderes empresariais anteriormente céticos, no Brasil e no exterior, começavam a se aproximar. Um descreveu Bolsonaro como uma “defesa de último recurso” se Lula não for impedido de se candidatar por seus problemas legais e continuar liderando as pesquisas em meados de 2018.”<sup>5</sup>

O grande empresariado brasileiro, através de diversas representações, freqüente regularmente os espaços de análise política da AS-COA. Vejamos um episódio da relação do Conselho das Américas e o empresariado brasileiro diante da possibilidade da eleição de Jair Bolsonaro, e, por fim como a *Americas Quarterly* vem sendo um fórum de análise e debate de posições diferentes sobre o governo Bolsonaro.

---

<sup>3</sup> WINTER, Brian. “System failure: behind the rise of Jair Bolsonaro”. *Americas Quarterly*,

<sup>4</sup> A pesquisa, divulgada em outubro de 2017, está disponível em: <http://www.pewglobal.org/2017/10/16/globally-broad-support-for-representative-and-direct-democracy/>. WIKE, Richard; SIMMONS, Katie; STOKES, Bruce & FETTEROLF. “Globally, broad support for representative and Direct Democracy”. *Pew Global*, 16 de outubro de 2017. Acesso em 14 de janeiro de 2019.

<sup>5</sup> Idem.

## O debate sobre as eleições no Conselho das Américas: convergências e divergências entre intelectuais orgânicos

A mesma lucidez de Winter apresentara Elcior Santana, professor da Georgetown University e diretor do Movimento Brasil Competitivo. Em um evento para debater as eleições próximas no Brasil, em 25 de julho de 2018<sup>6</sup>, Santana se sentiu obrigado a falar sobre a participação de Bolsonaro em um evento na CNI (Confederação Nacional da Indústria), onde o candidato foi ovacionado. Em suas palavras:

“Bolsonaro esteve na CNI, a Confederação nacional da Indústria, no Brasil (eles tem chamado todos os candidatos, e quando Bolsonaro foi, foi muito aplaudido, foi o mais aplaudido de todos os presidenciais...) [...] E porque? Porque... algumas pessoas do setor privado gostam dele, e tendem a acreditar que Bolsonaro pode ‘entregar a coisa’ [deliver the thing]. [...] Mas [essa] é **uma visão de curto prazo**. [...] Se há um candidato que pode ser um **desastre** para o setor privado é exatamente Bolsonaro, porque: 1. você tem uma agitação social (*social arrest*), [...] e ele diz que tem que voltar a ditadura, que tem que encher os ministérios com generais, que a solução do Brasil é repressão, etc etc etc. Então essa idéia é um **grande erro**; aqui vale uma velha máxima de Fausto, ‘aposte e perca’.” (grifos nossos).

Em sua fala, que se voltou para uma análise dos assessores econômicos de quatro presidenciais considerados centrais (Geraldo Alckmin, Marina Silva, Ciro Gomes e Jair Bolsonaro), embora tenha polidamente elogiado Paulo Guedes, falava do economista com claro desprezo e deboche, tanto do candidato como de seu assessor: “O Bolsonaro admite que não sabe nada de economia”.

Raquel Krahenbuhl, correspondente em Washington para a *Globo News*, que fazia a mediação e as questões para os convidados, interrompeu: “E a CNI, apóia ele?”

“Uma parte sim, outra não”, respondeu Santana, emendando, agora sobre Guedes:

“Paulo Guedes é um economista *old school*... hum, deixe-me refazer a frase: um cara esperto, também um professor, ele é o cara que a gente costumava chamar de Chicago boy. É claro que estou sendo um pouco provocativo, ele provavelmente dirá outra coisa, mas pelo que vi do que [Paulo Guedes] tem declarado...é a velha receita ultrapassada que veio de Chicago nos anos 1970, implementada no Chile”.

Sobre os assessores dos outros candidatos, o diretor do MBC teceu elogios, especialmente a Persio Arida (assessor de Alckmin) e André Lara Resende (de Marina Silva). Entre os candidatos, os mais elogiados foram Alckmin e Marina. Alckmin,

---

<sup>6</sup> O webcast do painel encontra-se disponível no site da AS-COA: <https://www.as-coa.org/events/expert-update-brazil>. Acesso em 14 de janeiro de 2019.

segundo Santana, teria sido “bom governador” e “mostrado comprometimento com responsabilidade fiscal, focado nas reformas, claramente sabe que as reformas são necessárias, e insiste que não existe solução sem crescimento”; saberia que deveriam ser feitos investimentos em infraestrutura e na educação; além disso, segundo Santana, “ele é bastante aberto para investimento estrangeiro e estimular também o investimento interno”. Além disso, aconselhado por Pêrsio Arida, “um cara muito criativo, brilhante, pronto para o risco, mas também é solido, é meu amigo. Isso é um ótimo sinal, ele consegue atingir as metas.”

A candidata Marina teria o “luxo” de ter em sua candidatura dois excelentes conselheiros: [Eduardo] Giannetti (autor de *O complexo de vira-lata*, livro recomendado por Santana); e também Andre Lara Resende, um dos mentores do Plano Real, junto com Pêrsio Arida. Por sua vez, Ciro Gomes também não seria mal, pois teria também um “bom conselheiro, um professor da FGV, Nelson Marconi, também sério, competente, e sabe que tem que ser feitos ajustes fiscais” [...] “e o fez quando foi governador do Ceará”. Contrariando a análise de Paulo Sotero, que havia classificado tanto Ciro como Bolsonaro como “populistas” em sua fala, Santana disse, sobre Ciro, que “ele não fez a coisa populista tradicional, como prefeito e como governador”; “tem credibilidade em termos do que está comprometido e tem capacidade de implementar”.

É interessante notar como Santana foi o único entre os “*experts*” convidados a participar da mesa a colocar a questão da desigualdade como um “problema dramático” no Brasil, iniciando sua fala afirmando que a questão central no Brasil seria como combinar a redução da desigualdade com uma “administração econômica séria”. Por “séria”, provavelmente queria dizer contrarreformas, ajuste fiscal, etc. De toda forma, há aqui uma preocupação com a desigualdade social, no sentido de prevenir ou conter a “agitação social” – termo, como vimos acima, mencionado em outro momento de sua fala. Isto é, a questão de como prevenir ou amenizar o conflito social está entre as preocupações deste intelectual orgânico.

Ao contrário, Paulo Sotero, diretor do *Brazil Institute*, do Wilson Center<sup>7</sup>, iniciou sua fala com outro tipo de preocupação: repetindo o velho chavão de que “nos

---

<sup>7</sup> O *Brazil Institute*, criado em 2006 como parte do Wilson Center, afirma ter por objetivo “buscar um diálogo melhor em questões-chaves de preocupação bilateral entre o Brasil e os Estados Unidos, aprimorando o entendimento, em Washington, das complexidades do Brasil como uma potência democrática regional e um *global player*”. Ver descrição em: <https://www.wilsoncenter.org/program/brazil-institute>. Acesso em 14 de janeiro de 2019. No original: “Founded in 2006, the **Brazil Institute** seeks to foster dialogue on key issues of bilateral concern

últimos 30 anos, todos os países abriram suas economias, menos o Brasil”, supostamente “porque nossos empresários gostam assim” (em uma possível provocação a Santana), Sotero respondeu à questão de se o Brasil seguiria na tendência latino-americana e internacional de governos de extrema-direita com uma negativa. Considerando improvável que a Lula fosse permitida a candidatura presidencial (avaliação compartilhada por todos na mesa), Sotero alertava que havia sim dois “populistas” no páreo, Ciro Gomes e Jair Bolsonaro. Ciro seria um “político talentoso”, mas que “só faz barulho”; e Bolsonaro seria um parlamentar improdutivo, que diz que tem apoio militar mas não tem, além de afirmar publicamente que não sabe nada de economia. Ambos se apresentam como anti-establishment sem o serem. A esperança de Sotero estava claramente em Alckmin – que embora não fosse, segundo ele “o político mais carismático do Brasil” e de ter grande rejeição nas pesquisas, teve em suas mãos o governo de São Paulo por quatro vezes, e “seu governo não é ruim, São Paulo funciona bem” – que estaria em breve, após acordo com o chamado “Centrão”, o maior tempo de televisão disparado; e também em Marina Silva, uma pessoa que ele dizia conhecer e admirar profundamente, e que estava então em segundo lugar nas pesquisas, logo após Bolsonaro (que teria atingido seu “teto”). Podemos notar hoje como o prognóstico de Sotero, em muitos quesitos, estava equivocado, tanto em relação ao apoio militar de Bolsonaro, (o general Augusto Heleno, que havia recusado a vice-presidência na chapa, abraçou a candidatura e atualmente é o chefe do GSI, Gabinete de Segurança Institucional, com status ministerial e grande poder concentrado, principalmente através da chefia da ABIN, Agência Brasileira de Informações), quanto à questão do suposto “teto” do candidato; bem como sobre o tamanho do impacto da propaganda eleitoral na televisão, que ele disse considerar decisivo, tendo como base as últimas eleições.

Sotero reiterou que, através de seus contatos próximos nas FFAA brasileiras, tinha certeza absoluta que “os militares mudaram”, que “defendem a Constituição”, “nem querem ouvir falar de ditadura militar”, e rendeu homenagem ao papel dos

---

**between Brazil and the United States**, while advancing Washington’s understanding of the complexities of Brazil as a regional, democratic power and a global player.” Em seu blog “Inovozes”, o *Brazil Institute* divulga quem seriam os movimentos de renovação política mais promissores no Brasil, e entre eles estão o “Movimento Acredito!” e o RenovaBR: <https://www.wilsoncenter.org/blogs/inovozes>. O Wilson Center é um think tank oficializado pelo Congresso em 1968 como memorial oficial do presidente Woodrow Wilson, e se descreve como um “fórum político não-partidário para lidar com questões globais através de pesquisa independente e diálogo aberto para informar idéias factíveis para a comunidade política”. No original: “The Wilson Center, chartered by Congress in 1968 as the official memorial to President Woodrow Wilson, is the nation’s key non-partisan policy forum for tackling global issues through independent research and open dialogue to inform actionable ideas for the policy community.”

militares brasileiros tanto na pesquisa quanto em abrir caminhos na Amazônia (“estão facilitando expedições científicas na Amazônia, devemos isso aos militares”), e que portanto não apoiariam Bolsonaro, considerado mau militar, nem apoiariam a uma possível ditadura militar. O apelo de Bolsonaro estaria em sua mensagem de “lei e ordem”, “matem todos, prendam todos”, algo que teria muito apelo popular. Como contraponto, Sotero apresentava o exemplo do estado de São Paulo governado por Alckmin, que reduziu índices de criminalidade, em especial de homicídios, no que seria rebatido por Santana, quem lembrou que isso só foi possível por causa de seu acordo com o PCC. Ao final do debate, Elcio Santana fez questão de alertar para uma forte crise institucional que a expansão do PCC e o conflito com facções do estilo Comando Vermelho, do Rio, estaria para causar, “problema urgente” para o qual, segundo ele, poucos estariam atentos.

Em dois pontos, porém, Sotero e Santana concordavam. Em primeiro lugar, na avaliação de que existia uma crise institucional séria no Brasil. Sotero foi mais sucinto, afirmando apenas que o sistema político estaria colapsando, não por explosão, mas sim gradualmente, por exaustão. O que regeria a “classe política” seria o chamado ‘Estatuto da Gafieira’: os políticos estariam tentando se proteger como podem, o que levaria a que essas eleições gerassem pouca renovação na política, ao menos no nível parlamentar, mantendo a rota da “exaustão” do sistema político.

Já Santana seria muito mais enfático sobre essa questão, alertando sobre o papel exagerado do Judiciário no processo político. Isso se refletiria claramente no processo eleitoral, principalmente na questão relacionada à prisão de Lula. Segundo Santana, haveria muitos cenários possíveis dependendo exclusivamente de decisões de juízes do STF (Supremo Tribunal Federal), e toda essa interferência não seria um “bom sinal”. Em suas palavras,

“isso não é sinal de força das instituições [...] tem se tornado destorcido, no sentido de que a judicialização da política, ou a politização do judiciário, ambas, têm sido muito fortes, e tomando decisões às vezes contrárias [referia-se ao caso em que em um mesmo dia três diferentes decisões foram tomadas por juízes sobre a soltura de Lula] [...] é uma bagunça gigante”.

E emendou, fazendo uma auto-crítica pouco usual entre figuras tão auto-confiantes em suas assertivas:

“Três anos atrás Eric [Farnsworth, do Conselho das Américas] me convidou para falar aqui e eu insistia que as instituições no Brasil eram sólidas. Eu não repetiria isso hoje. As linhas se moveram.... as linhas entre Judiciário,

Executivo e Congresso, as divisões de trabalho tradicionais entre os três poderes, isso está se movendo de maneira preocupante”.

Na mesma fala, em mais um ataque contra o anacronismo da doutrina de choque (obviamente ele não usa os epítetos tradicionalmente dados pela esquerda, como “cartilha neoliberal”, etc, porém é evidente que é a isso que se refere), Elcio Santana parece ter surpreendido os demais afirmando em uma resposta a Raquel Krahenbuhl que “sim”, Lula já estaria influenciando nas eleições, mesmo na cadeia; e talvez para maior surpresa dos demais, disse que Fernando Haddad (PT) era um político “muito preparado”, tendo ganhado o Prêmio Bloomberg para melhores prefeitos do mundo; que era qualificado e que até então não aparecia em nenhum escândalo de corrupção.

O representante do MBC terminou sua participação no evento recomendando dois livros: *How Democracies Die*, de Steve Levitsky e Daniel Ziblatt<sup>8</sup>; e um livro de Santiago Levy, diretor do BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento), no qual o autor comprovaria que o México, apesar de ter seguido a receita estrita dos “livros” [cartilhas], da “responsabilidade fiscal e etc”, não conseguia mais crescimento econômico.<sup>9</sup> Ao que se seguiu uma sutil guerra de recomendações de livros, que claramente expressava discordâncias significativas não somente de visão e de prognóstico, mas também de ação política.

É sobre esse próximo ponto que versaremos, sobre como a AS-COA entrevistou mais diretamente no processo eleitoral de 2018, ao apoiar uma frente eleitoral batizada de RenovaBR.

### **O Conselho das Américas e o “RenovaBR”**

A atuação do Conselho das Américas nas eleições de 2018 no Brasil não se resumiram a artigos de análise ou de debate entre *experts*; em maio de 2018, o Conselho deixou bastante clara sua posição em favor de um movimento eleitoral que começara a ser impulsionado pelo empresário Eduardo Mufarej ainda em outubro de 2017: o RenovaBR. Com apoio de Luciano Huck e outras figuras midiáticas menores, o RenovaBR constituiu aquilo que poderíamos classificar, a partir das distinções de René

---

<sup>8</sup> LEVITSKY, Steven & ZIBLATT, Daniel. *How Democracies die*. New York: Crown, 2018. As teses de Levitsky e Ziblatt tiveram ampla repercussão na imprensa brasileira e circulou bastante entre intelectuais após uma palestra realizada no Instituto Fernando Henrique Cardoso.

<sup>9</sup> Santana estava provavelmente referindo-se ao seguinte livro: LEVY, Santiago. *Esfuerzos mal recompensados*. La elusiva búsqueda de la prosperidad en México. Banco Interamericano de Desarrollo, 2018.



Dreifuss, um pivô voltado para as eleições de 2018, porém, como veremos, com a perspectiva de consolidar no Brasil um nível de “profissionalização da política” inaudito.

Em evento realizado na sede do Conselho em 16 de maio de 2018, intitulado “Renovação política e novas lideranças no Brasil” – também gravado e disponível em no site do conselho – lideranças do RenovaBR, entre eles o próprio fundador, Eduardo Mufarej, apresentaram-se como representantes de uma “nova geração de líderes do setor público”, destacando “o interesse de jovens e profissionais capazes com a política brasileira”.

Segundo a presidente do Conselho, Susan Segall, que abriu o evento, Eduardo Mufarej a teria contatado em março com a idéia de realizar o evento, e a proposta fora recebida com entusiasmo pela entidade, que viu no RenovaBR e na atuação de Mufarej à frente dele uma excelente alternativa para “transformar o dialogo [político]”, “formar novas lideranças políticas no Brasil e em toda a América Latina”; lideranças essas comprometidas com uma “política responsável” e com a “diversidade”; asseverando que isso deveria ser o futuro da política, em suas palavras.

O painel foi uma realização da AS-COA não apenas com o RenovaBR, mas também com a *Brazil Foundation*<sup>10</sup> e a *Brazilian-American Chamber of Commerce*. Os membros do Painel, além de Mufarej, eram três bolsistas da RenovaBR, selecionados,

---

<sup>10</sup> A *Brazil Foundation* é uma ONG criada por brasileiros em Nova York em 2004, que diz buscar “identificar e apoiar iniciativas que permitam um futuro de igualdade de acesso, justiça social e oportunidades para todos os brasileiros”. Como o RenovaBR, também atua na área de seleção e capacitação de lideranças. Em seu próprio site, diz contar, a partir de suas parcerias com organizações sociais, com: 500 organizações apoiadas; 1500 líderes; 40 mil dólares mobilizados entre 2000 e 2015 (!); 11040 propostas de projetos recebidos; presença em 26 estados. Na aba “Modelo”, entre os métodos descritos pela entidade, encontramos “Conectar – Somos pioneiros na filantropia brasileira [...] “Colaborar”. “Capacitar”; “Financiar” e “Reportar”. Trata-se de um aparelho privado empresarial que tem como “parceiros”: BVSA (Bolsa de Valores Socioambientais; Downy; Fundação Affonso Brandão Hennel; Instituto Embraer; phi; Astellas USA Foudation; LATAM Airlines e Tozzini & Freire Advogados. A *Brazil Foundation* tem comitês no Rio de Janeiro, em São Paulo, em Nova York, em Los Angeles e em Miami. Como “valores”, a ONG diz prezar por “Justiça Social e Igualdade de Direito”; “Confiança e Respeito”; “Empatia e Diversidade”; “Integridade e Transparência”; “Diálogo e Colaboração”. Em sua descrição principal, afirma ter como missão “mobilizar recursos para idéias e ações que transformam o Brasil. Trabalhamos com líderes e organizações sociais e uma rede global de apoiadores para promover igualdade, justiça social e oportunidade para todos os brasileiros”. BRAZIL FOUNDATION, “Quem somos”. Disponível em: <https://brazilfoundation.org/quem-somos?lang=pt-br>, acesso em 14.01.2019. Ao que tudo indica, trata-se de uma organização cuja função central é detectar iniciativas para dar apoio, como se lê em seu próprio site: “Com mais de 300.000 organizações sem fins lucrativos no Brasil, como saber quais são mais eficazes? A Brazil Foundation ajuda você a navegar no cenário social brasileiro, selecionando e recomendando as organizações e projetos mais promissores”; isto é, fornece um cardápio de ONGs consideradas por eles mais bem posicionadas no seu próprio ranking; e também canaliza recursos para a filantropização. “Oferecemos uma variedade de opções para atender às suas metas filantrópicas pessoais”, diz o site (<https://brazilfoundation.org/modelo?lang=pt-br>).

segundo Mufarej, entre 4.000 candidatos: Carlos Gomes, Felipe Rigoni e Juliana Cardoso. O debate foi mediado por Brian Winter, que ao final se disse bastante entusiasmado com a iniciativa, tecendo inúmeros elogios.

É interessante aqui entender a figura de Eduardo Mufarej, empresário que teria buscado o Conselho das Américas para apresentar o RenovaBR. Sócio da Tarpon Investimentos desde 2004, atuou até outubro de 2017 (quando foi lançado oficialmente o RenovaBR), como CEO da Somos Educação, porém não saiu de seu cargo como Presidente do Conselho de Administração. Além da carreira empresarial ancorada basicamente no ramo educacional, Mufarej também é, segundo o próprio site do RenovaBR, membro dos Conselhos do Centro de Liderança Pública e da Escola de Negócios da Universidade de Yale.

A Somos Educação foi fundada em 2010, quando as editoras Ática e Scipione e o sistema de ensino SER, então pertencentes ao Grupo Abril, foram cindidos para formar a Abril Educação.<sup>11</sup>

Aqui é interessante notar três coisas, as quais não poderemos aprofundar, porém que são dignas de menção: 1. O tamanho deste grupo educacional (como se pode ver na

---

<sup>11</sup> Segundo a auto-apresentação do grupo, que pode ser encontrada em seu site, “A forte expansão da Abril Educação atraiu fundos de private equity e, em 2010, a gestora de recursos BR Investimentos incorporou 24,7% do capital da Abril Educação S.A. Em julho de 2011, a Abril Educação S.A. decidiu captar recursos no mercado de capitais por meio de uma oferta pública inicial de ações (IPO). Em outubro de 2014, a Abril Educação concluiu a migração para o Novo Mercado da BM&FBOVESPA (Bolsa de Valores, Mercadorias e Futuros S.A.), segmento em que estão alocadas empresas com as mais avançadas práticas de governança corporativa. Em fevereiro de 2015, a Tarpon Investimentos assumiu o controle da companhia, adquirindo 40,6% da empresa, da Abrilpar Participações, pertencente à família Civita. Em junho de 2015, a empresa então deixa a cor verde e a árvore símbolo e adota nova identidade que simboliza a fase atual da nova companhia: a **SOMOS Educação**. A marca sugere uma conexão com o que há de mais evidente nos dias de hoje: o mundo colaborativo. [...] Em dezembro de 2015, concluímos a aquisição de 100% da Saraiva Educação, o que reforçou o compromisso de estarmos cada vez mais presentes nas escolas, por meio de uma relação muito próxima com seus professores, alunos, famílias e mantenedores. Durante o ano de 2016, trabalhamos para integrar as operações da Saraiva Educação. Fizemos a integração de 6 centros de distribuição em apenas 1, localizado em São José dos Campos (SP), fizemos a integração do nosso Centro de Serviços Compartilhados (SSC) e demos continuidade ao nosso plano de expansão de escolas próprias, com a aquisição do Colégio Integrado em Goiânia (GO). Em março de 2017, adquirimos o AppProva, uma plataforma de testes e diagnósticos para alunos, escolas e instituições de ensino superior e, no fim de 2017, adquirimos a Stoodi e a Livro Fácil, fortalecendo ainda mais nossa plataforma educacional para ensino básico.” SOMOS Educação. “Quem somos”. 2018. Entre os Colégios próprios do grupo, encontramos, entre outros, Anglo, Sigma, PH, Motivo, Maxi; entre os sistemas de ensino, Anglo, PH, Ser, Ético, Maxi e Geo; entre as “soluções para a Educação básica”, encontramos, entre outros, monitoria online e formação de professores, incluindo também uma marca “socioemocional”: “O Líder em mim”. <http://www.somoseducacao.com.br/nossas-marcas/>. Entre os projetos de “impacto social”, estão o “Rugby Cidadão”; um cursinho popular na Escola Fernão Dias, em São Paulo (a primeira a ser ocupada na onda de ocupações de estudantes em 2015); o Prêmio Educador Nota 10; e a parceria com o Instituto Verdescola, que promove atividades socioeducativas no contraturno, como reforço escolar e oficinas de capacitação para adultos. Disponível em: <http://www.somoseducacao.com.br/iniciativas-atuais/>. Acesso em 14.01.2019.

nota n.8); e 2. a ligação com a BR investimentos, de Paulo Guedes, já “superministro” da Fazenda, Indústria e Comércio e Planejamento do governo Bolsonaro, que acena para a privatização da Educação no Brasil; e 3. Mufarej foi o candidato ao posto de ministro da educação no governo Bolsonaro quando sua equipe estava sendo formado em novembro de 2018, e contava com o apoio explícito de Paulo Guedes.<sup>12</sup>

Eduardo Mufarej é o tipo ideal de uma nova geração de empresários engajados no Brasil: de ideologia (neo)liberal na economia e também liberal nos costumes, ele não esconde sua maior proximidade com o partido Novo, mas aposta em uma frente mais ampla, acima e a mesmo tempo com bom trânsito entre distintas legendas eleitorais. Uma das tarefas mais importantes nesse sentido é arregimentar outros empresários, isto é, convencer politicamente seus colegas de classe a depositar fichas (e cheques) em uma determinada jogada política; no caso, o RenovaBR. Em uma entrevista ao jornal *Correio Braziliense*, em setembro de 2018, Mufarej demonstrou clareza sobre seu papel ativista junto ao empresariado quando respondeu à pergunta (que parece por encomenda) “Como vender a barreira que separa empresários e sociedade”?

Respondeu Mufarej:

“A atividade empresarial no Brasil é centenária. Essa vilanização dos empresários que aconteceu durante determinados momentos da nossa história é, em parte, responsabilidade dos empresários, mas em parte a responsabilidade é do ecossistema, o que faz com isso se reproduza dessa forma. Por outro lado, vejo que a consciência do empresariado é bem diferente. As empresas brasileiras estão no mundo, muitas delas com capital aberto, com padrões de governança corporativa e responsabilidade social; temas que não estávamos acostumados a ouvir, mas que estão na agenda. Os empresários avançaram nos últimos anos, mais do que o governo. Ao mesmo tempo, precisamos contar com os empresários. Dada a situação fiscal do país, que é muito difícil, para a geração de emprego, isso pode não ser viabilizado pelo Estado, dada a condição fiscal.”<sup>13</sup>

Para o RenovaBR, Mufarej arregimentou, entre as personalidades mais conhecidas, nomes como o do apresentador de TV Luciano Huck, do ex-presidente do Banco Central Armínio Fraga, da atriz Maitê Proença e do técnico de vôlei Bernardinho. Interessante notar que à época do lançamento do movimento, Luciano

---

<sup>12</sup> VARGAS, André. “A equação de Bolsonaro”. *Isto é*, 01 de novembro de 2018. Disponível em: <https://istoe.com.br/a-equacao-de-bolsonaro/>. Acesso em 14 de janeiro de 2018.

<sup>13</sup> PACHECO, Paula. “Ninguém está satisfeito, do mais rico ao mais pobre”, diz Eduardo Mufarej. *Correio Braziliense*, 03 de setembro de 2018. Disponível em: [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2018/09/03/internas\\_economia,703492/ninguem-esta-satisfeito-do-mais-rico-ao-mais-pobre-diz-eduardo-muf.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2018/09/03/internas_economia,703492/ninguem-esta-satisfeito-do-mais-rico-ao-mais-pobre-diz-eduardo-muf.shtml). Acesso em 14 de janeiro de 2019.

Huck era cotado para candidato à Presidência, e quem o assessorou por alguns meses foi o sócio de Mufarej, Paulo Guedes.

Na mesma entrevista, Mufarej tentou, com a mística do empreendedorismo, afirmar que no Brasil os empresários são muitos: “São 26 milhões de empreendedores no Brasil, que são empresários. Não estamos falando de um grupo de 300 indivíduos, os empresários são muitos”. Considerado como “empresário” praticamente qualquer trabalhador autônomo, Mufarej tentava se fazer porta-voz de uma base social muito mais larga do que a realmente existente, dada a conhecida concentração da propriedade no Brasil.

Já em entrevista à *IstoÉ Dinheiro*, realizada na sede do RenovaBR – que é o centro Ruth Cardoso, nos Jardins, em São Paulo – Mufarej explicou o porquê da criação do RenovaBR com uma crítica ao financiamento público via fundo partidário, e fez um *mea culpa* sobre uma suposta “ausência do setor privado na política”. Fazendo uma referência positiva à Fundação Estudar (“organização sem fins lucrativos de incentivo à educação”), do empresário Jorge Paulo Lemann, Mufarej disse concordar com este último na avaliação de que ele próprio e também os empresários em geral deveriam ter “influenciado mais na política brasileira”.<sup>14</sup>

Voltando ao Renova BR, chama atenção sua auto-descrição bastante vaga:

“uma iniciativa que nasceu na sociedade civil, com o objetivo de preparar novas lideranças para entrar para a política. Não somos um partido político, nem apenas um movimento. Somos uma iniciativa de formação de lideranças e de engajamento cívico.”

Segundo o site do Renova BR, este conta com 17 “parceiros”; 49 “professores”; 483 “doadores” e 6.800 “voluntários”. Entre os “parceiros” do Renova BR, encontramos tanto empresas como outros aparelhos privados empresariais: GOL, CLP (Centro de Liderança Pública), Kallas, Kroll, Locomotiva Pesquisa e estratégia;

---

<sup>14</sup> “Sim, e está se construindo uma corrente. As pessoas estão entendendo que a participação cívica é essencial para ter resultado. Nenhum país deu certo estigmatizando a política. Nenhum. Ao contrário, enxergamos vários desenhos que deram errado por rejeitarem isso. Para termos um país diferente temos de agir diferente. Acho que tem esse despertar, sim. Por exemplo, existem cinco candidatos que são bolsistas da Fundação Estudar [organização sem fins lucrativos de incentivo à educação, financiada por Lemann]. Nunca tinha tido nenhum. Um deles é formado pelo Insper. Ele é o primeiro formado pelo Insper. Então, isso é muito legal, porque o Insper nunca teve um candidato. É uma instituição de ensino recente, mas é de ponta. É a mesma coisa que Harvard não ter um candidato nos Estados Unidos. Todo ciclo eleitoral tem alguns.”, disse Mufarej. Falando em “reduzir o custo das campanhas políticas”, defendeu o voto distrital. KROEHN, Márcio. “Nenhum candidato está entregando para a sociedade brasileira uma mensagem de futuro”. *Isto é Dinheiro*, 15 de junho de 2018. Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/nenhum-candidato-esta-entregando-para-a-sociedade-brasileira-uma-mensagem-de-futuro/>. Acesso em 14/01/2019.

Politize!; *pwc*; Semparar; Sociedade Brasileira de Coaching; ENGAGE (Aprendizagem para resultados); *Comunitas*; *Mindsight (people performance)*; Printi; Zune Denim e *moip*. Percebe-se aí uma rede bastante interessante de conexões políticas e empresariais, que mereceria uma análise à parte.

Entre os “valores” que diz defender o RenovaBR, estão: “Honestidade” (“Chega de corrupção, desvios de conduta e políticos que trabalham em benefício próprio. Renovação começa por eleger políticos ficha limpa”; “Diálogo” (“Não vamos encontrar soluções para nossos problemas se insistirmos em divisão e intolerância. Avançar é construir junto” e “Dedicação” (Buscamos pessoas comprometidas, realizadoras e dedicadas a promover o bem comum. Política é ter vontade de servir”). Entre os coordenadores do RenovaBR, estão: Eduardo Mufarej, fundador; Izabella Mattar, diretora executiva; Thomaz Pacheco, financeiro; Gabriel Azevedo, formação; Fernanda Pedreira, formação; Rodrigo Cobra, mobilização; Erick Jacques, articulação; e Pedro Simões, comunicação.

Conforme verificamos em diversas reportagens e entrevistas do próprio Mufarej, lançado em outubro de 2017, isto é, com um ano de antecedência das eleições, o *modus operandi* do RenovaBR foi: abrir um processo seletivo para captar “jovens lideranças” pelo Brasil (havia um limite de idade de 45 anos, e um dos critérios na seleção era se tais lideranças já possuíam alguma base social); “capacitá-los” com os treinamentos em diversas matérias – que segundo reportagem do Nexo Jornal, ficaram a cargo de um do Centro de Liderança Pública (CLP) – e, depois de alguns “testes”, seriam escolhidos aqueles que seriam candidatos para cargos legislativos em 2018.<sup>15</sup>

---

<sup>15</sup> Os professores listados no site do RenovaBR e suas respectivas especialidades são bastante reveladores: Ricardo Paes de Barros, “crescimento no Brasil”; Ana Carla Abrão, “eficiência do governo”; Marcos Lisboa, “papel do Estado”; Priscila Cruz, “educação pública”; Fabio Giambiagi, “responsabilidade fiscal”; Olga Curado, “*media training*”; Michael Cornfield, “comunicação política”; Guillaume Liegey, “estratégia eleitoral”; Ricardo Young, “Novas práticas políticas”; Eduardo Giannetti, “Ética na vida pública”; Aod Cunha, “gestão fiscal”; Angela Cignachi, “direito eleitoral”; Humberto Dantas, “legislativo”; Chico Mendez, “*marketing* político”; Melina Rizzo, “segurança pública”; Téo Benjamin, “financiamento coletivo”; Anna Chiesa, “primeira infância”; Murilo de Aragão, “renovação política”; André Cervi, “voluntariado”; Patrícia Ellen, “liderança adaptativa”; Fellipe Caruso, “mobilização”; Daniel Machado, “da Rua às Redes”; Gabriel Azevedo, “formação”; Leandro Reis Tavares, “saúde”; Guillermo Raffo, “construção de narrativa”; Carla Karpstein, “direito eleitoral”; Michael Mohallem, “anticorrupção”; Alexandre Loures, “*media training*”; João Marcelo Borges, “gestão e financiamento”; Karina Kufa, “mulheres na política”; Bernard Appy, “sistema tributário”; Mafoane Odara, “políticas públicas”; Marcelo Issa, “transparência partidária”; Alberto Lage, “redes sociais”; Mariana Frota, “voluntariado”; Beatriz Pedreira, “legislativo”; Mônica Sodré, “legislativo”; Rodrigo Gadelha, “mídias digitais”; Álvaro Fraga, “imprensa”; Renato Sérgio de Lima, “segurança pública”; Sergui Kobayashi, “ativismo digital”; Ricardo Campos, “dados técnicos”; Renato Meirelles, “o eleitor”;

Conforme essa mesma reportagem, os candidatos a candidatos receberam bolsas de R\$ 5.000 a R\$ 8.000 desde janeiro de 2018; mas, além dos recursos financeiros e cursos, os candidatos vinculados ao Renova Brasil teriam recebido auxílio para gestão de redes sociais e mídia, para que, quando a campanha eleitoral se iniciasse, já fossem conhecidos do público. A idéia do RenovaBR seria inspirada no sucesso eleitoral do movimento francês “En Marche!”, que elegeu o presidente Emmanuel Macron e conseguiu 64% das cadeiras do parlamento francês.

Segundo a própria entidade, o RenovaBR formou 133 lideranças de janeiro a junho de 2018. Após o fim do primeiro módulo de formação, 120 delas se lançaram ao pleito por 22 partidos diferentes. Alessandro Vieira (REDE) foi o senador formado pelo RenovaBR eleito por Sergipe. Em São Paulo, Tábata Amaral (PDT) e Vinicius Poit (NOVO) foram eleitos deputados federais. Já Daniel José (NOVO), Heni Ozi Cukier (NOVO), Marina Helou (REDE) e Ricardo Mellão (NOVO), vão ocupar vagas na Câmara Legislativa de São Paulo.

No Rio de Janeiro, Marcelo Calero (PPS), Paulo Ganime (NOVO) e Luiz Lima (PSL) foram eleitos para o Congresso Nacional, assim como os mineiros Tiago Mitraud (NOVO) e Lucas Gonzalez (NOVO), e o capixaba Felipe Rigoni (PSB). Fábio Ostermann (NOVO) foi o postulante eleito para a Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul. Na região Norte, Joênia Wapichana (REDE) foi eleita deputada federal por Roraima. Já na região Nordeste, David Maia (DEM) conquistou uma vaga na Câmara Legislativa de Alagoas.

Lendo as matérias publicadas no site RenovaBR, deparamo-nos com uma certa idéia bastante behaviorista de teste anti-corrupção: os candidatos a candidatos seriam testados psicologicamente. O RenovaBR contou com a parceria da S2 Consultoria, – *startup* especializada em prevenir e tratar atos de fraude e assédio nas organizações” a testar a “a capacidade de resistência das 134 lideranças quando expostos a situações que abrem espaço para conflitos éticos”.

“Por meio do Potencial de Integridade Resiliente (PIR), metodologia desenvolvida pela S2 Consultoria, o RenovaBR permitiu o aumento significativo da resiliência de suas lideranças a respeito de quatro temas relevantes: corrupção, apropriação indevida, demonstrações fraudulentas e assédio moral, sexual, corporativismo e preconceito.

De acordo com Mônica Rosenberg, liderança do RenovaBR e co-fundadora do Instituto “Não Aceito Corrupção”, o teste faz as pessoas perceberem que

---

Villela da Matta, “Liderança Positiva”; Carlos Manhanelli, “campanha”; Zander Navarro, “agropecuária no Brasil”; Rafael Dayrell, “estruturação de time”; Tomás Lopes, “liderança adaptativa”.

alguns comportamentos e situações aos quais os políticos estão sujeitos parecem normais, mas podem ter consequências graves. “São abordados temas como desvio de dinheiro, presentes de empresas e emprego de familiares no gabinete. Nesse sentido, o RenovaBR está criando uma cultura de redução de oportunidades de corrupção”, falou.”<sup>16</sup>

É no mínimo curioso, para não dizer risível, que no mesmo no site do Renova BR, são citados “o ex-ministro da Cultura Marcelo Calero” e “Fred Luz, diretor geral do Flamengo” que foram “alguns dos nomes selecionados pelo RenovaBR”. Não está claro, na matéria, se passaram nos testes desenvolvidos pela equipe da S2 consultoria.

O apelo “rebelde” do RenovaBR parecia esta em refutar “ideologias”, “rótulos” e conflitos ideológicos, o que se reflete na narrativa mais difundida de seus quadros, por exemplo:

“Marco Rodrigues, de 25 anos, não queria ser “rotulado” por uma bandeira ou ideologia. Prefere dizer que ‘prioriza a autonomia do indivíduo’. Há dois anos, criou uma escola de habilidades humanas, a Soul, e trabalha com jovens para desenvolver o autoconhecimento e potencial de liderança. Ainda sem partido, quer ser deputado estadual.”

Apresentado no *New York Times* como “novos nomes da política brasileira”<sup>17</sup>, muitos dos bolsistas do RenovaBR provieram de vários movimentos, como MBL (Movimento Brasil Livre, criado em 2015), e o movimento “Acredito”, criado em 2017. Este último foi chamado pela *Folha de S. Paulo* de “MBL progressista”, e teve bastante repercussão na imprensa brasileira.<sup>18</sup>

---

<sup>16</sup> RENOVABR. “Em parceria com a S2 Consultoria, líderes passaram por avaliação que identifica nível de resiliência quando estão diante de dilemas éticos”. Disponível em: <https://renovabr.org/renovabr-prepara-liderancas-para-atuar-com-etica-e-integridade/>. Acesso em 14.01.2019.

<sup>17</sup> DARLINGTON, Shasta. “Fed up with corruption, fresh faces takes on Brazil’s political old guard”. *New York Times*, 02 de junho de 2018. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/06/02/world/americas/brazil-election.html>. Acesso em 14.01.2019. Na televisão brasileira, foi apresentado pela primeira vez pelo próprio Mufarej, em entrevista ao programa *Show Business*, da RedeTV!. O programa está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HDHmYeU6eKo>. Acesso em 14.01.2019.

<sup>18</sup> *Folha de S. Paulo*, Poder. “Grupo de jovens lança o ‘Acredito’, um ‘MBL progressista’”. 28 de março de 2017. Assinam o manifesto, publicado na íntegra na *Folha*, um trio marcado por uma passagem comum em Harvard: Felipe Oriá cientista político pela UFPE, mestre pela universidade de Harvard; José Frederico Lyra Netto, engenheiro pela Unicamp e mestre em políticas públicas pela universidade de Harvard; e Tabata Amaral de Pontes, co-fundadora e gestora do “Movimento Mapa Educação”, formada em Ciências Políticas com curso secundário em Astrofísica pela Universidade de Harvard. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/03/1870130-trio-com-passage-por-harvard-lanca-o-acredito-um-mbl-progressista.shtml>. Acesso em 14.01.2019. Ver também MOURA, Marcelo & VARELLA, Gabriela. “Eles querem mudar a política”. *Época*, 08 de junho de 2017. Disponível em: <https://epoca.globo.com/politica/noticia/2017/06/eles-querem-mudar-politica.html>. Acesso em 14.01.2019. CRUZ, Priscila & PARENTE, Rafael. “Quem sabe faz a hora”. *Estado de S. Paulo*, Opinião. 29 de abril de 2017. Disponível em: <https://opinio.estado.com.br/noticias/geral/quem-sabe-faz-a-hora,70001756965>. Acesso em 14.01.2019.

“Acreditamos em uma economia moderna e verdadeiramente competitiva, conectada de forma qualificada no mercado global. Que promova o empreendedorismo e a inovação. Que quebre privilégios e regalias a grupos organizados. Defendemos a importância do aumento da produtividade, com investimento adequado em ciência, tecnologia e infraestrutura. Para isso, é preciso um Estado que crie condições e regule os setores econômicos de forma mais transparente e eficiente. [...]

Acreditamos em um Estado eficiente e menos engessado. Rechaçamos a disputa simplista entre estado grande e mínimo. Acreditamos que este deva garantir o acesso adequado a bens e serviços públicos de qualidade. Para isso, é necessária uma gestão voltada a resultados, que defina os arranjos de provisão mais apropriados em cada situação. Defendemos ainda políticas públicas formuladas com base em evidências e que respeitem os contextos locais, incorporando participação e avaliação como pilares centrais. [...]

Acreditamos em uma sociedade diversa, plural e livre. No respeito às liberdades e garantias individuais. Na proteção de direitos sistematicamente violados, em especial os relativos às mulheres, negros, indígenas e pessoas com deficiência. Defendemos o combate ao machismo, racismo, LGBTfobia, xenofobia, preconceitos regionais, intolerância religiosa e outras formas de discriminação e opressão. Acreditamos no combate à violência com inteligência e prevenção, e não apenas com repressão. Na superação do atual modelo que tira a vida de milhares de brasileiros -- em especial jovens negros das periferias -- e que produz umas das polícias que mais matam e morrem no mundo. Acreditamos em uma nova política de drogas, em contraponto a uma guerra cara e ineficiente. [...]

Nosso país enfrenta um momento crítico. Uma crise de representatividade que compromete nosso sistema político. Uma crise econômica persistente e profunda. Esquemas de corrupção que perpassam governos, partidos e ideologias. Em meio à indignação generalizada, temos que confiar em nossa capacidade de nos organizar e escolher o futuro que queremos. Assim nasce o Acredito. Um movimento de renovação política nacional e suprapartidário. Para dar vez e voz a uma nova geração na definição dos rumos de nosso país. Uma renovação de princípios, práticas e pessoas. Um projeto de 10 anos. Um novo congresso com a cara do Brasil.”<sup>19</sup>

Na prática, o movimento Acredito se fundiu ao RenovaBR, como afirmou um dos participantes da mesa-redonda na sede novaiorquina do Conselho das Américas, e todos os seus quadros foram integrados aos bolsistas do RenovaBR. No mesmo sentido, a auto-descrição de ambos está cheia de frases formadas por clichês pretensamente apolíticos, termos genéricos e generalizantes, aparentemente inofensivo, como por exemplo:

“A renovação política precisa de lideranças preparadas e eleitores conscientes. O **RenovaBR** foi criado em outubro de 2017 para preparar gente comprometida e realizadora para entrar na política. Focamos na renovação do Poder Legislativo e pautamos nossa preparação na atuação para futuros Deputados Federais e Estaduais. Somos uma iniciativa da sociedade, para a sociedade.”

---

<sup>19</sup> O Manifesto completo pode ser baixado no site do movimento: <https://lideres.movimentoacredito.org/>.



Uma sutilidade semântica do discurso do RenovaBR é igualar transparência de gestão a responsabilidade fiscal, isto é, a dita responsabilidade fiscal passa à órbita ética e moral. Igualada ao combate contra a corrupção, o ajuste fiscal se torna assim agenda moral.

O problema é que, como captava doação empresarial e repassava a prováveis candidatos, o fundo do RenovaBR feria a legislação eleitoral, e assim que exposto na mídia, foi questionado também no Parlamento.<sup>20</sup>

O deputado Jorge Solla (PT-BA) tentou suspender o “Fundo Cívico Para a Renovação da Política” – como levou o nome oficial do fundo para financiar as bolsas aos candidatos. Ele pediu à então procuradora-geral da República, Raquel Dodge, uma investigação sobre o mesmo. Segundo uma reportagem da *Isto é*, além de Mufarej, faziam parte desse grupo (como coordenadores ou investidores) figuras como o publicitário Nizan Guanaes, o ex-presidente do Banco Central Arminio Fraga e o empresário Abílio Diniz. Segundo a matéria, a intenção do grupo seria a de tentar eleger de 70 a cem deputados federais na próxima eleição.<sup>21</sup>

O argumento do deputado petista era o de que havia “fortes indícios de que o grupo empresarial liderado por grandes empresários pretende se organizar, por uma pessoa jurídica – ‘Fundo Cívico’, para burlar a Lei”.

“O Supremo Tribunal Federal, em julgamento da Ação Direta de Inconstitucionalidade nº 4650, reconheceu a impossibilidade de doação, à campanhas eleitorais, de pessoas jurídicas, e pretende o ‘Fundo Cívico’ caminhar também por mais esse ilícito”, afirmou o deputado à Raquel Dodge.”<sup>22</sup>

Ao que tudo indica, em resumo, o RenovaBR levou ao pé da letra a democracia tal como definida por Joseph Schumpeter: seleção de lideranças. Preparou literalmente um vestibular para os candidatos a candidatos. E ao mesmo tempo captou lideranças sociais cuja base poderia ser parte de uma base mais progressista ou mesmo de esquerda, transformando aquilo que Gramsci denominou certa vez como transformismo em uma indústria – melhor dizendo, um *case* de sucesso. Com um grupo heterogêneo, propositadamente diverso, pôde ter bom trato com diversas legendas eleitorais e montou

---

<sup>20</sup> Ver Estadão Conteúdo. “Luciano Huck e empresários criam fundo para apoiar candidatos”. 28 de setembro de 2017. *Isto é Dinheiro*. Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/luciano-huck-e-empresarios-criam-fundo-para-apoiar-candidatos/>. Acesso em 14.01.2015.

<sup>21</sup> Estadão Conteúdo. “Deputado recorre à Procuradoria Geral para suspender fundo eleitoral de Huck”. *Isto é Dinheiro*. 04 de outubro de 2017. Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/deputado-recorre-a-procuradoria-geral-para-suspender-fundo-eleitoral-de-huck/>. Acesso em 14.01.2019.

<sup>22</sup> Idem.

uma engrenagem eleitoral de captação de lideranças e formação das mesmas numa escala provavelmente inédita no Brasil.

Já com planos de novas seleções para o ano que vem, Mufarej se gabou dos logros eleitorais (bastante modestos, se verdadeiro era o objetivo supratitado), admitindo que havia conseguido surfar a “onda bolsonarista”:

“Ele admitiu que a onda bolsonarista impulsionou algumas candidaturas do movimento. ‘Foi um efeito cascata. Acho que pegou todo mundo de surpresa’. Para ele, candidatos de movimentos como Agora!, Acredito e outros grupos tiveram mais dificuldades por barreiras econômicas e do próprio sistema. ‘É preciso discutir a questão do financiamento das campanhas. Hoje, a competição é desleal’, falou.”<sup>23</sup>

Para os propósitos dessa pesquisa, fica claro que tipo de organização política o Conselho das Américas impulsiona; no mínimo, fez uma boa propaganda no exterior e na imprensa para o RenovaBR, emprestando a credibilidade da *Americas Quarterly* e do próprio Conselho. Não seria qualquer movimento que a AS-COA escolheria, é evidente que muitas outras conexões, inclusive familiares, poderiam ser aqui esmiuçadas; porém, o evento com o RenovaBR nos permite concluir o seguinte ponto: o Conselho das Américas segue apoiando, a partir de algum tipo de vínculo, iniciativas empresariais voltadas à ação política: uma ação que parte da “sociedade civil” (empresariado e todos aqueles que são convencidos ideologicamente da “livre iniciativa” e da “autonomia do indivíduo”) para chegar à sociedade política; neste caso específico, o alvo era o Parlamento. Uma lembrança modificada do IBAD de outrora.

### **A *Americas Quarterly* e o Conselho das Américas entre a moral liberal e o pragmatismo do mercado**

Ser um fórum permanente de debate entre intelectuais orgânicos de diversas origens nacionais, atuando de forma transnacional, pertencentes a diferentes “partidos” burgueses dentro do mesmo escopo ideológico: o neoliberalismo econômico e o liberalismo político. Podemos entrever certa batalha entre esses dois princípios entre os diversos colaboradores da *Americas Quarterly* em suas análises sobre as perspectivas para o governo Bolsonaro, centrando-nos na trajetória de análises do editor da revista e diretor de *Policy* do Conselho, o jornalista Brian Winter, mencionado acima neste texto.

---

<sup>23</sup> AMENDOLA, Gilberto. “Movimento RenovaBR elege 16 candidatos; metade é filiada ao Novo”. *OO Estado de S. Paulo*, 15 de outubro de 2018. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,movimento-renovabr-elege-16-candidatos-metade-e-filiada-ao-novo,70002548481>. Acesso em 14.01.2019.

Uma questão central para Winter, desde que começou a detectar (precocemente) a ascensão de Jair Bolsonaro, era a questão da democracia. A lucidez dos artigos de Winter nos meses anteriores à eleições contrasta com a avaliação de muitos analistas brasileiros e estrangeiros, para os quais até o último instante parecia impossível a eleição de Jair Bolsonaro.

Em um interessante artigo na *Folha de S. Paulo*, jornal no qual é colunista regular, Brian Winter questionava: “Por que tanta gente em Wall Street torce por uma vitória de Bolsonaro?”<sup>24</sup> Consultando suas fontes – e aqui supomos que pelo menos uma parte delas é formada por empresários e representantes de empresas que são membros do Conselho das Américas – Winter citou algumas falas dos investidores estadunidenses:

“Para a parte de *Wall Street* que investe em países como o Brasil, o ano foi horrível até agora [...] Um ano ruim quer dizer bonificação ruim e pode até significar a perda do emprego. O Brasil é grande o bastante para empurrar uma virada na categoria, mas isso só vai acontecer se um presidente ‘amigo do mercado’ – Bolsonaro ou Alekmin – vencer. Uma nova vitória do PT, em contraste, poderia causar nova queda dos ativos.”<sup>25</sup>

E acrescentava, confirmando que a indicação de Paulo Guedes tinha visto vista com ótimos olhos para tais investidores:

“A indicação por Bolsonaro de Paulo Guedes como ministro da Fazenda e depositário da ortodoxia econômica parece melhor a cada dia, aos olhos do mercado. Sob a tutela de Guedes, Bolsonaro prometeu reforma nas aposentadorias e no mês passado chegou a mencionar a possibilidade do Cálice Sagrado de *Wall Street* – a privatização da Petrobrás. Um investidor me disse, empolgado, que o Brasil pode ter seu primeiro presidente verdadeiramente liberal em pelo menos meio século”.<sup>26</sup>

Quando perguntados, segundo Winter, pelos “elementos morais”, como os ataques de um futuro governo Bolsonaro a mulheres, gays, minorias, e contra os direitos humanos, a resposta era “mais fácil” para eles, segundo Winter:

“Se você conversar com investidores sobre os riscos do autoritarismo, muitos tenderão a responder ‘ouvimos o mesmo sobre Trump, e as coisas estão ótimas’ ou ‘qualquer um menos Lula’. [...] Conheço muitas pessoas íntegras em Wall Street que sentem repulsa por Bolsonaro. Mas elas admitem em conversas particulares que não há espaço para sentimentos. Como me disse

---

<sup>24</sup> WINTER, Brian. “Por que tanta gente em Wall Street torce por uma vitória de Bolsonaro?” *Folha de S. Paulo*, 05 de setembro de 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/09/por-que-tanta-gente-em-wall-street-torce-por-uma-vitoria-de-bolsonaro.shtml?loggedpaywall>. Acesso em 15.01.2019.

<sup>25</sup> Idem.

<sup>26</sup> Idem.

uma, ‘meu trabalho é garantir que os títulos sejam pagos na data. Quanto ao resto – cabe aos brasileiros decidir’.<sup>27</sup>

Em outro artigo publicado na *Folha de S. Paulo*, intitulado “Oposição a Bolsonaro repete erros dos EUA”, Winter dizia que, para fazer uma oposição eficaz, o PT devia abandonar a narrativa de nostalgia e perseguição e apresentar propostas claras quanto à segurança, emprego e corrupção, as mesmas preocupações que colocavam água no moinho de Bolsonaro e que haviam eleito Trump mesmo quando inúmeros setores da sociedade “polida”, em suas palavras – isto é, todos aqueles cujo principal argumento contra Trump se referia a democracia e direitos das minorias.

Winter citava novamente a pesquisa da *Pew Research Center*, segundo a qual “depois de quatro longos anos de escândalo e crise econômica”, apenas 8% dos brasileiros disseram que a democracia representativa é uma forma de governo “muito boa”, o menor total entre os 38 países pesquisados. Isso faria com que uma campanha centrada na questão da democracia, como estava fazendo a oposição brasileira a Bolsonaro, assim como teria feito a oposição estadunidense a Trump, era uma estratégia pouco eficaz.

Ao mesmo tempo em que procurava dar recomendações ao PT, como “reconhecer os erros do passado de corrupção”, Winter afirmava que “o PT causou a pior recessão do Brasil em um século, seu principal líder está na cadeia, e o crime disparou nos 13 anos em que o partido esteve no poder”. Afirmando que talvez o futuro da democracia dependeria disso, Winter recomendava que o partido deixasse claro que a política econômica seria mais parecida com a do primeiro mandato de Lula do que com a do primeiro mandato de Dilma. O texto parecia uma espécie de voto crítico em Haddad, de maneira muito sutil.

No dia 30 de outubro de 2018, Brian Winter deixou claro para a revista *Exame* que via com receio a possibilidade de uma regressão autoritária no Brasil. Vale reproduzir aqui as questões centrais da entrevista, para o que queremos debater neste ponto:

**“Revista Exame - Bolsonaro fará um bom governo?”**

Essa pergunta é difícil. Do lado econômico, acho que ele fará um bom mandato, porque o Brasil precisa de uma injeção de sanidade fiscal. E ele vai fazer isso com sua equipe econômica. Mas a pergunta aqui é: a qual custo? Essas mudanças podem ser feitas com o custo da violação das instituições, com a violação dos direitos civis.

---

<sup>27</sup> Idem.

### **Revista Exame - E é possível separar esses dois aspectos?**

A História já nos mostrou que a economia, a longo prazo, acaba sendo afetada por conta das violações de direitos civis. Governos autoritários prejudicam a economia. Vejam a experiência da Argentina, que tentou implementar um projeto liberal durante as décadas de 70 e 80, em que o país vivia uma ditadura. Os projetos não conseguiram vingar por conta da forte repressão, e com isso os argentinos veem até hoje o liberalismo como algo terrível. O liberalismo é associado a algo ruim por conta dos abusos do governo.

### **Revista Exame - Bolsonaro pode estar iniciando um projeto maior? Ele poderá ter chance de conseguir uma reeleição, de fazer um sucessor?**

A questão se Bolsonaro vai ser bem-sucedido ou não depende de sua evolução como pessoa. Ao longo de sua vida política, ele passou sua carreira contra a democracia e contra os direitos de minorias, e em favor de trazer de volta a ditadura ao Brasil. Com a eleição, ele disse que evoluiu. E às vezes as pessoas evoluem. Um exemplo é o próprio Lula. Se você olhasse em 2002 seus discursos, nunca imaginaria que ele governaria como um líder com responsabilidade fiscal. E ele fez. Mas Lula perdeu três eleições e aprendeu do jeito difícil que ele precisava evoluir. O exemplo mais simbólico foi sua carta ao povo brasileiro, que deu mais confiança à população, e fez com que ele ganhasse. Vimos alguma evolução. Eu não vi nenhuma evidência de uma evolução similar em Bolsonaro. E por isso eu tenho advertido sobre o risco de ele danificar a democracia, e de que suas políticas em segurança matem muita gente inocente.”<sup>28</sup>

Destacamos aqui a segunda questão, à qual Brian Winter não deixa margem para dúvidas: é um intelectual orgânico que pensa em longo prazo. Em outros artigos, Winter lembrava que o PT sempre “jogou as regras do jogo [eleitoral e político]”, um pouco na linha do que a comentarista de economia Miriam Leitão disse na *Globo News* às vésperas da eleição, causando um conflito com Bolsonaro e a própria Globo. No pensamento de ambos, não quer dizer que o PT deva ser elogiado, apenas que, um pouco na linha do bipartidarismo estadunidense, deve seguir existindo, sendo reconhecido como força política legítima, com legenda eleitoral, podendo fazer oposição, etc, para que haja posteriormente revezamento no poder. A outra mensagem de Winter é que é preciso calcular os custos de um shock neoliberal, porque se isso implica em “violações de direitos humanos”, o governo brasileiro, por melhor que siga a cartilha neoliberal, pode ficar indefensável internacionalmente.

Em um exercício argumentativo muito bem desenvolvido, Winter lembrava de suas posições anteriores sobre Moro, quase que fazendo uma auto-crítica, (era um dos maiores entusiastas do juiz brasileiro) e sobre como a entrada de Moro para o governo poderia ser ruim a longo prazo.

---

<sup>28</sup> PULICE, Carolina. “Winter, da Americas Quarterly: ‘Bolsonaro precisa evoluir’”. *Exame*, 30 de outubro de 2018. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/winter-da-americas-quarterly-bolsonaro-precisa-evoluir-2/>. Acesso em 15.01.2019.

## Sérgio Moro, o “adulto no escritório”

Em setembro, na edição impressa da *Americas Quarterly*, Winter elencava entre as figuras proeminentes no Brasil preocupadas com a ascensão de Bolsonaro o juiz Sergio Moro, que seria confirmado como ministro de Bolsonaro ainda no fim de 2018.<sup>29</sup> A capa da revista trazia Jair Bolsonaro e Andrés Manuel Lopez Obrador como dois candidatos “nacionalistas, populistas e anti-stablishment”, porém, um de direita e outro de esquerda. Em breve voltaremos a este interessante ponto, central para nossa hipótese.

Brian Winter e a *Americas Quarterly*, desde 2008, como veremos neste material, vem construindo a figura de Moro junto a seus pares no exterior. Moro foi retratado certa vez como um “caçador de corruptos” em uma capa da revista, e Winter, bem como diversos outros colaboradores da AQ e do COA, era um dos mais empolgados da Operação Lava-Jato e da maneira como Moro, em parceria com o Departamento de Justiça dos Estados Unidos e o Departamento de Estado americano, conduziu as investigações.

O jornalista Brian Mier, editor do portal alternativo e independente Brazil Wire, veio acompanhando a atuação do Conselho com relação a Moro, e foi uma das homenagens a Moro (uma medalha a ele entregue no Conselho), escreveu diversos artigos a respeito da relação entre o Conselho e a situação política brasileira. Os 15 minutos de fama mais importantes do Conselho no Brasil (levando em consideração que trata-se de uma entidade pouquíssimo conhecida no país) se deveu ao trabalho de Mier e seus artigos. Quando Moro recebeu uma homenagem da entidade em março de 2018, Mier publicou um artigo com os resultados de sua pesquisa sobre a influencia da AS-COA na construção de determinada narrativa em relação ao processo político brasileiro:

“A revista da AS-COA, *Americas Quarterly*, é dirigida a um público de elite, distribuída em salas VIPs de aeroportos pelo continente, e dada como bônus aos membros da entidade, cuja taxa para se tornar membro começa em 10 mil dólares por ano. Sua principal função, entretanto, parece ser de relações públicas, alimentando reportagens benéficas para as corporações em mídias por todo o hemisfério, com comentaristas da AS-COA aparecendo frequentemente na CNN, NBC, Bloomberg, NPR, em agências de notícias como Reuters e AP, e em jornais por toda a região, do *Clarín* argentino ao *Los Angeles Times*. Links para esses artigos, aparições na TV e no rádio estão detalhados no [site da](#)

---

<sup>29</sup> “Sérgio Moro, o juiz altamente popular que supervisiona a Lava-Jato, emitiu várias advertências recentes sobre o frágil estado da democracia brasileira. Segundo pessoas próximas, esses alertas são inspirados, pelo menos em parte, pela ascensão de Bolsonaro.” WINTER, Brian. “Falhas no sistema: por trás da ascensão de Jair Bolsonaro.” *Americas Quarterly*, setembro de 2018. Disponível em: <https://www.americasquarterly.org/content/system-failure-behind-rise-jair-bolsonaro-portuguese>, em três línguas, espanhol, inglês e português.

[AS/COA](#) e facilmente acessíveis para qualquer um que queira verificar seu viés ou pesquisar seus padrões narrativos.”<sup>30</sup>

Analisando extensivamente os *feeds* provenientes da AS-COA na mídia internacional de língua inglesa, Brian Mier selecionou dois períodos cruciais: os três meses anteriores ao *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, e também todo o ano entre 24 de fevereiro de 2017 a 24 de fevereiro de 2018 – período que nos interessa aqui no momento. Segundo Meier, nesse período,

“o *staff* da AS/COA apareceu ou foi citado em reportagens da mídia de língua inglesa 102 vezes (excluindo aquelas sobre arte, que estou deixando de fora da análise). Isso inclui 39 sobre Venezuela, 13 sobre o NAFTA e 7 sobre Brasil. [...] Duas dessas aparições midiáticas representam uma estratégia contínua de tratar a equipe de juizes da Operação Lava Jato — controversa e partidarizada — como super-heróis. Começou com uma matéria de capa da revista *Americas Quarterly*, apresentando o juiz Sergio Moro como um dos caça fantasmas.”<sup>31</sup>

Em outro artigo, Meier sugere que o Conselho das Américas esteve por trás da indicação do nome de Paulo Guedes a Bolsonaro, notando como seu nome foi anunciado logo após a reunião realizada na sede da AS-COA, mencionada no início deste texto.<sup>32</sup> Não encontramos evidências mais diretas de suposta indicação (as quais ou não existem, ou se existem dificilmente serão colocadas a acesso público como as demais atividades do Conselho, já que se trataria de ligar o nome e todo o peso da credibilidade do Conselho junto aos investidores e ao Estado americano com a política econômica radical proposta por Guedes, e como sabemos, o Conselho evita ao máximo comprometer-se com apoio político explícito a governos ou partidos. Porém, quando analisamos, acima, uma das atividades mais importantes do Conselho em 2018, esteve a iniciativa de Eduardo Mufarej (o RenovaBR) – como vimos, um sócio de Guedes –, adicionamos uma evidência a mais em tal especulação.

Já em 06 de novembro de 2018, logo quando da indicação de Moro como ministro da Justiça (isto é, da conversa de Moro com Bolsonaro, mas já de maneira pública, isto é, evidentemente, *a posteriori* da decisão em si), Winter, apesar de fazer

---

<sup>30</sup> MIER, Brian. “EUA: assim se constrói o apoio ao golpe no Brasil”. Outras Palavras, 07 de março de 2018. Disponível em: <https://outraspalavras.net/mundo/eua-assim-se-constroi-o-apoio-ao-golpe-no-brasil/>. Acesso em 15.01.2019.

<sup>31</sup> Idem.

<sup>32</sup> MEIER, Brian. “Lava Jato/Fascism is a match – who’s the matchmaker?” *Brazil Wire*, 04 de novembro de 2018. Disponível em: <http://www.brazilwire.com/lava-jatofascism-is-a-match-whos-the-matchmaker/>. Acesso em 15.01.2019.

elogios aos planos de Moro e a seu bom caráter, temia que seu nome ficasse manchado uma vez ligado a Bolsonaro.

Menos de uma semana depois deste artigo, Brian Winter publicou outro texto importante na *Folha de S. Paulo* sobre liberdade de imprensa e participou de um programa de televisão da CNN *en español*, o “Oppenheimer Presenta”. Em sua peça na *Folha*, intitulada “A imprensa estrangeira e Bolsonaro”, contou um pouco sobre sua experiência cobrindo por dois meses de perto a campanha de Jair Bolsonaro. Ao mesmo tempo, procurava explicar a evidente discrepância da cobertura sobre as eleições na imprensa brasileira e na imprensa estrangeira, dando a entender que a primeira ou não levava a sério o suficiente a ameaça à democracia que Bolsonaro representava, ou já se sentia ameaçada e portanto já recorria à auto-censura.

“O que nos diferencia da mídia brasileira em nossa cobertura de Bolsonaro? Bem, observamos sua ascensão em um contexto mais internacional. Os últimos 10 anos viram o que Larry Diamond, cientista política da Universidade Stanford, define como uma ‘recessão democrática’, com deterioração de instituições e direitos na Polônia, Turquia, Venezuela e muitos outros países. As declarações de Bolsonaro sobre fechar o Congresso ou fazer uma limpeza nunca vista na história dos esquerdistas do Brasil parecem se enquadrar a essa tendência mundial.”<sup>33</sup>

Winter relatou que, durante a cobertura da campanha, os privilégios que tinha nada tinham que ver com uma boa relação do candidato com sua entidade, mas sim com o público leitor:

“É difícil escrever isso, mas as audiências para as quais escrevemos talvez se importem mais com a democracia do que a maioria dos brasileiros em 2018. [...] Por fim talvez tenhamos mais liberdade do que alguns de nossos colegas locais. Nas últimas semanas, ouvi queixas de diversos jornalistas brasileiros que afirmam que seus patrões já os estão desencorajando de cobrir Bolsonaro de modo crítico, seja por motivos financeiros, seja por motivos ideológicos.”<sup>34</sup>

A participação de Winter no programa televisivo *Oppenheimer Presenta* foi no mesmo sentido: preocupação com “abusos autoritários”, com a liberdade de imprensa, etc. Voltaremos a esta preciosa fonte no final deste texto. O fato é que, após as eleições, a guinada de Winter se consolidou, e em todas as suas participações midiáticas, bem como nos podcasts e artigos, vem colocando repetidamente a questão sobre se o Brasil pode se tornar, em médio prazo, um país que viola direitos humanos e sufoca minorias.

---

<sup>33</sup> WINTER, Brian. “A imprensa estrangeira e Bolsonaro”. *Folha de S. Paulo*, 12 de novembro de 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/11/a-imprensa-estrangeira-e-bolsonaro.shtml?loggedpaywall>. Acesso em 15.01.2019. Veremos ao longo do material o conceito de Larry Diamond utilizado por Winter.

<sup>34</sup> Idem.



Assim foi no artigo de Winter para o jornal *El Comercio*, do Peru, em 15 de outubro de 2018, onde criticou a política de segurança pública proposta por Bolsonaro:

**El Comercio** – “¿Cómo se compagina el nacionalismo de Bolsonaro con las políticas liberales en la economía que ha prometido establecer?”  
**Brian Winter** – “Acá nuevamente se ve la importancia de la influencia de Trump. La familia Bolsonaro, y generalmente la derecha brasileña, ve las políticas liberales económicas como parte de un paquete que Trump ha probado que es muy exitoso. El trumpismo incluye libertad económica, un Estado pequeño y una línea dura con el crimen. Ahora, yo creo que la derecha brasileña está malinterpretando algunos aspectos de lo que pasa en EE.UU., pues acá el crimen ha ido cayendo bajo diferentes políticas a las que Bolsonaro propone. Parece que la mayoría del país ha decidido el acercamiento a la ‘línea dura’.”<sup>35</sup>

Em um *podcast* publicado pela AS-COA em 25 de outubro de 2018, Brian Winter e Chris Garman, analista do Eurasia Group. Analisando a conversa, percebemos claramente os questionamentos insistentes de Winter sobre os riscos autoritários, ao que Chris Garman respondeu com certa leviandade. Embora concordassem em muitos pontos, a avaliação de Garman já deu por suposto, sem muitos espantos, que, após a “lua de mel” com o eleitorado e a provável aprovação de medidas altamente impopulares como a reforma da Previdência social, o governo pode usar os militares para conter a agitação social.<sup>36</sup> O grande problema será como manter a governabilidade, e se Paulo Guedes conseguirá entregar o que promete.

Desfazendo determinadas comparações com o Trumpismo, principalmente no que diz respeito à relação com as instituições democráticas, Winter vem alertando que no Brasil as instituições correm risco – isso ficou claro em sua entrevista à prestigiosa revista *Foreign Policy*, em 16 de outubro de 2018, cujo título já não deixa muita margem para dúvidas: “*Flirting with fascism*” (“Flertando com o fascismo”).<sup>37</sup>

Outro colaborador regular da *Americas Quarterly*, o professor de Relações Internacionais da FGV-SP Oliver Stuenkel, escreveu, em um artigo para a *AQ* em 13 de dezembro de 2018, que de fato a comparação a ser feita para entender o bolsonarismo não é o trumpismo, mas sim outros regimes autoritários, como na Turquia, Filipinas,

---

<sup>35</sup> LENCI, Gisella López. “Jair Bolsonaro entendió el actual momento en Brasil”. *El Comercio*, 15 de outubro de 2018. Disponível em: <https://elcomercio.pe/mundo/latinoamerica/elecciones-brasil-jair-bolsonaro-entendio-actual-momento-brasil-noticia-567763>. Acesso em 15.01.2019.

<sup>36</sup> O *podcast* está disponível na íntegra em: <https://www.americasquarterly.org/content/podcast-debating-bolsonaros-risks-democracy>.

<sup>37</sup> WINTER, Brian. “Flirting with fascism” (*podcast*). Disponível na íntegra em: <https://foreignpolicy.com/2018/10/26/flirting-with-fascism/>. Acesso em 15.01.2019.

Hungria e Polônia, onde as instituições democráticas – ao contrário do caso dos EUA – estariam em perigo.<sup>38</sup> Ainda em novembro, o mesmo autor havia escrito sobre o ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, e sobre como os vários centros de poder na equipe de Bolsonaro poderiam/*deveriam* frear seus impulsos anti-globalistas.<sup>39</sup>

### **Can Paulo Guedes deliver? O ceticismo do mercado**

Em sentido ligeiramente distinto, estão outros colaboradores do Conselho das Américas. Para eles, a indicação de Paulo Guedes deve ser comemorada, e a questão central é se ele consegue “deliver the thing” (entregar a coisa); não entrando nas análises as conseqüências possíveis de seu programa. Aqui já encontramos uma mensagem mais pragmática, de indicações normativas sobre o que deve fazer o governo em relação, por exemplo, ao comércio internacional.

É o caso por exemplo do artigo de Colin Grabow e de Carlos Hidalgo, “Por que Bolsonaro deve buscar o livre comércio com os Estados Unidos”. Grabow é um analista do Herbert A. Stiefel Center for Trade Policy Studies (um *think tank* neoliberal voltado para o comércio internacional) e Hidalgo é do Cato Institute, o que já diz bastante sobre a orientação política de ambos. Os especialistas afirmam que o ideal seria que se firmasse um acordo de livre comércio junto com todos os países que estão no Mercosul, o que exigiria modificações importantes em suas cláusulas, mas que isso seria possível com uma possível reeleição de Maurício Macri na Argentina.<sup>40</sup>

A questão sobre se Paulo Guedes conseguiria manejar uma tamanha abertura econômica no Brasil, com ajuste fiscal, contrarreformas, privatizações, etc, já estava entre as análises produzidas sob o Conselho desde junho de 2018, quando Pedro Abramovay publica um artigo sugerindo que os mercados deveriam ser céticos com Bolsonaro. O autor afirmava que a realidade brasileira é mais complexa do que parece, e que Guedes não conseguiria fazer as reformas. Fica claro que a questão central já não é

---

<sup>38</sup> STUENKEL, Oliver. “Brazilians study the Anti-Trump Playbook to fight Bolsonaro”. *Americas Quarterly*, 13 de dezembro de 2018. Disponível em: <https://www.americasquarterly.org/content/brazilians-study-anti-trump-playbook-fight-bolsonaro>. acesso em 15.01.2019.

<sup>39</sup> \_\_\_\_\_. “Brazil’s anti-globalist Foreign Minister won’t get everything he wants”. *Americas Quarterly*, 19 de novembro de 2018. Disponível em: <https://www.americasquarterly.org/content/brazils-anti-globalist-foreign-minister-wont-get-everything-he-wants>. Acesso em 15.01.2019.

<sup>40</sup> GRABOW, Colin & HIDALGO, Juan Carlos. “Why Bolsonaro should pursue Free Trade with the U.S.”. *Americas Quarterly*, 14 de novembro de 2018. Disponível em: <https://www.americasquarterly.org/content/why-bolsonaro-should-pursue-free-trade-us>. acesso em 15.01.2019.

moral, mas sim totalmente pragmática; porém, o autor critica o otimismo irreflexivo dos investidores.<sup>41</sup> Segundo o cientista político do IESP-RJ, uma pesquisa da XP investimentos, no início do ano de 2018, mostrou que 48% dos investidores entrevistados (num universo de 204) acreditavam que Bolsonaro iria vencer o pleito e que os mercados ficariam muito felizes com isso.

“Os investidores parecem ter esperança que Bolsonaro possa repetir a experiência de Pinochet e não surpreende que investidores e a elite dos negócios não estejam focados em potenciais violações de direitos humanos. Mas é curioso que esses investidores não parecem capazes de precificar os riscos reais que Bolsonaro representa para essas mesmas reformas econômicas que eles acreditam ser tão importantes para sustentar uma recuperação econômica no Brasil”.<sup>42</sup>

Muito mais otimista foi um dos últimos artigos publicados pela AQ em 2018, de autoria de Fernando Cutz, figura com bom trânsito no governo americano, especialmente na área de Defesa<sup>43</sup> e associado do *The Cohen Group*.<sup>44</sup> Cutz elogiava Guedes, reafirmando que a privatização geral vai ser boa “não apenas para a economia brasileira, mas também para a sociedade”, já que a corrupção (ligada implicitamente a um Estado grande) seria um dos maiores e mais endêmicos problemas institucionais do Brasil. O otimismo com relação ao programa de Guedes é indisfarçável.<sup>45</sup>

Elogios a Guedes mesclados com preocupações pragmáticas sobre sua capacidade de implementar seu programa estão em várias outras peças produzidas pela AS-COA, como um *podcast* com uma analista de *Equity* do *JP Morgan* publicado em 29 de outubro de 2018, conduzido por Elizabeth Gonzalez.<sup>46</sup> A experiente analista de mercados Emy Shayo, atualmente trabalhando nesse gigantesco grupo econômico bancário, embora mencionasse “preocupações com a democracia”, afirmava que o

---

<sup>41</sup> ABRAMOVAY, Pedro. “Why markets should be skeptical of Jair Bolsonaro”. *Americas Quarterly*, 13 de junho de 2018. Disponível em: <https://www.americasquarterly.org/content/why-markets-should-be-skeptical-jair-bolsonaro>. Acesso em 15.01.2019.

<sup>42</sup> Idem. No original: “Investors seem to hope that Bolsonaro could repeat the Pinochet experience and it is not surprising that investors and the business elite are not focused on potential human rights violations. But it is curious that investors do not seem able to price the real risks that Bolsonaro represents to the economic reforms that they believe are so urgently needed to sustain Brazil’s economic recovery.”

<sup>43</sup> Foi conselheiro de Segurança Nacional e Diretor para América Latina no *National Security Council*.

<sup>44</sup> CUTZ, Fernando. “What to expect from the Trump-Bolsonaro Bromance”. *Americas Quarterly*, 18 de dezembro de 2018. Disponível em: <https://www.americasquarterly.org/content/what-expect-trump-bolsonaro-bromance>. Acesso em 15.01.2019.

<sup>45</sup> Idem.

<sup>46</sup> GONZALEZ, Elisabeth. “LatAm in Focus: What a Bolsonaro win means to Brazil’s economy”. *AS-COA Online*. Disponível na íntegra em: <https://www.as-coa.org/articles/latam-focus-what-bolsonaro-win-means-brazils-economy>. Acesso em 15.01.2019.

mercado estava muito entusiasmado com Guedes, e que “um sentimento anti-PT tomou conta do povo e do mercado”.<sup>47</sup>

A questão central estava estampada no título de um artigo de Emilie Sweigart publicado na AQ em 30 de outubro de 2018: “Can Paulo Guedes deliver in Brazil?”.<sup>48</sup> No artigo, a autora trazia declarações como a de Thomas Trebat, diretor do Global Center da Universidade de Columbia no Rio de Janeiro: “Ele [Guedes] representa a primeira chance para o Brasil de tentar uma forma radical de economia de livre mercado”.<sup>49</sup> Por outro lado, a economista Monica de Bolle era assertiva: Paulo Guedes, segundo ela, não duraria nem 4 meses no comando do “superministério”. Seu programa está fundamentalmente correto, porém a “política” e a falta de experiência administrativa de Guedes atrapalhariam o caminho do Brasil rumo a uma economia neoliberal.

---

<sup>47</sup> Idem.

<sup>48</sup> SWEIGART, Emilie. “Can Paulo Guedes deliver in Brazil?”. *Americas Quarterly*, 30 de outubro de 2018. Disponível em: <https://www.americasquarterly.org/content/can-paulo-guedes-deliver-brazil>. Acesso em 15.01.2019.

<sup>49</sup> Idem. No original: “Guedes provided ‘instant credibility’ to the then-candidate, said Thomas Trebat, director of Columbia University’s Global Center in Rio de Janeiro. ‘He represents the first chance for Brazil to try a radical form of a free market economy,’ Trebat said.”